

Tema: Sector Vitivinícola			Âmbito: Regional	
Título: Que mais nos irá acontecer			Temática: Generalista	
2006/06/09	NOTÍCIAS DO DOURO – PRINCIPAL	Pág.13	Imagem: 1/1	Periodicidade: Sem periodicidade
				Inv.: n.a.

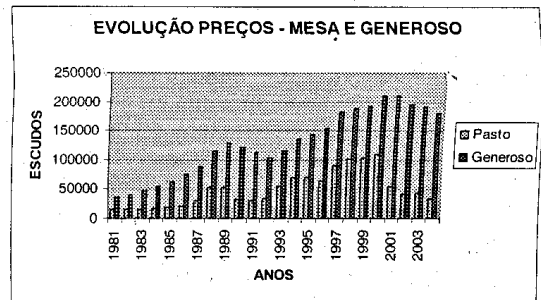
QUE MAIS NOS IRÁ ACONTECER

Como irão os viticultores das Regiões Demarcadas da Europa reagir às grandes linhas do projecto de reforma da OCM - Organização Comum do Mercado, é questão que estamos para ver, já que daqui, da Região mais antiga do Mundo que este ano celebra os seus 250 anos, é mais que certo que nada virá senão a simples resignação perante as conclusões.

Arrancar 400 mil hectares, suprimir (parcial ou totalmente) os apoios dos instrumentos políticos de gestão em vigor, ou chegarmos definitivamente à liberalização total do sector vinícola, parece serem questões que em nada parecem afligir os actuais viticultores do Douro e os seus responsáveis, tão "amorfos" sentimos andarem eles todos. Não fora assim e estaríamos já a assistir a movimentações destes e a reuniões dos órgãos de decisão regionais que, tanto quanto sabemos, ainda os há, mas parece não funcionarem. De qualquer maneira, dia 21 próximo, ficaremos a saber o que nos virá apresentar a Comissão Europeia, Marianne Fischer-Boel, quando, nesse dia, nos vier fazer a análise do estado do sector vitivinícola e anunciar o conjunto de medidas a tomar, como forma, certamente, de "tomar o pulso" aos viticultores, quanto às decisões finais a anunciar pela Comissão lá para o final do ano corrente. Ao que vamos constatando a crise é generalizada na Europa, com repercussão imediata, em primeira linha, no rendimento dos viticultores; tudo, em grande parte, por via dos

excedentes, já que enquanto aqui as nossas exportações apenas conseguiram crescer 20%, no mesmo período, nos Estados Unidos elas quadruplicaram, no Chile multiplicaram por 19 e na África do Sul por 47!!!

Até Bordéus está em crise; depois de há tempos os viticultores terem barricado a entrada do CIVB com uma parede de tijolo construída durante a noite, como sinal de protesto pelos preços de miséria, foi agora a vez de Christian Delpeuch, seu presidente, dramaticamente resignar, em protesto pela incapacidade de progresso nas reformas necessárias naquela Região, nomeadamente no que concerne à destilação dos excedentes. Do Xerez, aqui ao lado, chegam-nos notícias de que, alarmados com os excedentes, também a sua Comissão Interprofissional está a tomar medidas radicais para encontrar soluções para a crise - fala-se mesmo em obrigar à utilização de aguardentes da Região para a produção do seu vinho licoroso. E por aí fora, outros casos vão sendo conhecidos. Aqui no Douro o panorama não é diferente; atente-se, de resto, no gráfico publicado que reproduz elementos que mão amiga me fez chegar sobre os valores de liquidação, pagos aos seus associados, por uma das maiores Adegas Cooperativas da Região. Conclusões, cada um que as tire. Mas conjugando este gráfico com o anúncio que vem sendo feito das al-



terações à actual OCM que ficaremos certamente a conhecer com bastante aproximação no próximo dia 21, o que valeria a pena discutirmos, antes que seja tarde, é se o Douro que na globalidade não produz excedentes, antes consome uma boa parte daqueles que os outros produzem, não tem capacidade de, por si, encontrar forma de melhorar o rendimento dos seus viticultores.

É que até o Senhor Ministro da Agricultura nos veio dizer recentemente que o vinho é a prioridade do governo português para os próximos anos, acrescentando que vai convidar os 25 Ministros da Agricultura a passar 4 dias no coração das vinhas do Douro, em Setembro de 2007 aquando da presidência portuguesa da União, esperando convencer Marianne Fischer-Boel de que o Vinho do Porto é também o vinho dela. Os argumentos que podemos esgrimir em defesa de uma solução de futuro para a Região são incalculáveis; o importante é haver quem os conheça e os saiba aproveitar.

António Mesquita Montes